

Cartografia da prostituição masculina em Fortaleza: negociando desejos nas interações sócio-sexuais entre o michê e seu clienteⁱ

Gênero, Desigualdade e Cidadania

Antônio Cristian Saraiva Paivaⁱⁱ

Maria Lourdes dos Santosⁱⁱⁱ

Resumo

A presente proposta baseia-se nos dados obtidos a partir da etnografia realizada sobre trabalho prostitutivo masculino em Fortaleza. Apresenta uma discussão sobre a prostituição viril, procurando evidenciar a importância dos territórios de prostituição como locais fundamentais para a construção e vivência do michê. Por meio do nomadismo, dos agenciamentos e do comércio sexual, é possível perceber a relação dos michês com os clientes. A violência das ruas, o uso de drogas e a realidade da prostituição no Centro da capital cearense, são temas abordados na pesquisa, além de questões como as disputas, as práticas de ocupação dos lugares e suas performances de corporalidade, gênero, as linguagens, ritos de interação e códigos de negociação de desejos.

Palavras-chave: Prostituição viril, território, Fortaleza.

Introdução

A área litorânea “moderna” não é o único espaço no qual a geografia do sexo pago ganha visibilidade: muitos lugares do Centro histórico de Fortaleza são pontos de encontro de atores cuja interação é baseada, principalmente, na sedução voltada para “trocas sexuais” (Heilborn, 1999, p. 95). Como afirmou um dos sujeitos da pesquisa,

[...] o centro é o local do encontro, aqui todos se encontram. Então, o centro é muito movimentado durante o dia e à noite é quase um deserto e é um lugar que tem fácil acesso de toda a cidade. [...] essa história das pessoas fazerem ponto aqui no centro é muito antiga, já vem de 40 ou 50 anos atrás. (David).

Um grande fluxo de indivíduos se desloca todos os dias para a área central de Fortaleza. Por motivações distintas, eles transitam por suas ruas, praças e avenidas, devido ao acesso fácil e à intensa circulação de transportes coletivos, além da presença de algumas estações de transbordo para outros bairros. O Centro permanece vivo para diferentes camadas da população, principalmente aquelas de mais baixo poder aquisitivo, por ser uma área de concentração de postos de trabalho em escala metropolitana e por reunir comércio, serviços e equipamentos variados. Nele e em suas imediações concentram-se lojas, farmácias, salões de beleza, clínicas, estabelecimentos bancários, lanchonetes, livrarias, supermercados, postos de saúde, bares, pousadas, hotéis, enfim uma infinidade de equipamentos e serviços. Pode-se constatar a existência de inúmeros ambientes (cinemas pornô, saunas, motéis, boates, bares etc.) relacionados a alguma forma de entretenimento, mas destinados, também, às tramas do encontro e das práticas sexuais negociadas.

Mapear esse circuito, embora de forma parcial, foi tarefa difícil, porque algumas das casas onde funcionam cinemas pornográficos e algumas pousadas não apresentam nenhuma forma de identificação, por operarem na clandestinidade. Assim, a partir de contatos iniciais com sujeitos da pesquisa e observações das vias do Centro, decidi por um recorte espacial que abrangesse o

entrecruzamento dos percursos descritos pelos informantes, formando uma trama mais densa, dentro da qual se localizam os pontos de encontro e permanência. A escolha dos equipamentos pesquisados levou em conta a possibilidade de acesso sem maiores complicações, haja vista que, em sua maioria, não permitem a entrada de mulheres. Minha aceitação em alguns foi facilitada porque eu me fazia acompanhar de membros do Projeto Entre Nós^{iv}.

A geografia do sexo na Fortaleza (pós)moderna: o circuito das praias^v

Saindo do centro da cidade, em direção aos bairros de classe média e alta que se limitam com a orla marítima, localiza-se um circuito de lazer voltado para um público de maior renda e sintonizado com padrões de consumo globalizados. No que se refere aos locais de encontros e equipamentos destinados a práticas eróticas, esse espaço diferencia-se daqueles encontrados no Centro da cidade e, por sua proximidade a hotéis de melhor padrão, atrai turistas estrangeiros, inclusive aqueles que buscam parceiras ou parceiros sexuais^{vi}.

A partir da década de 1990, Fortaleza requalifica seus 30 km de praia, com negócios voltados para atividades turísticas e lazer: comércio de artesanato, hotéis, restaurantes, bares, boates etc. A Praia de Iracema, que permanecera estagnada em décadas anteriores, renasce para novas apropriações, privilegiada como o “pólo de lazer e turismo da cidade” (Schramm, 2001, p. 99).

Entretanto, no início da década de 1990, a Praia de Iracema começa a ser vista como espaço de decadência social e moral, pela ocorrência, em alguns estabelecimentos de lazer, de práticas contrárias à heteronormatividade e favorecimento para o uso de sexo pago. A Praia de Iracema passa a ser conhecida também, como um “território do sexo”, atraindo “[...] uma fauna particular de espécies noturnas de pessoas” e novos ambientes, frequentados por profissionais do sexo, como motéis, saunas, bares gay, casas de massagem, etc. (Villalobos, 1999, p. 5).

Contudo, novos processos de intervenção realizados pelo Poder Público como a reurbanização do calçadão na orla marítima e o início da construção do Acquário do Ceará^{vii}, vêm atraindo novamente a frequência de famílias e outros usuários socialmente aceitos. Permanecem, porém, antigos usos, com a facilitação e intermediação da prostituição feminina (Aquino, 2011) e masculina, inclusive, por conta da sauna denomina *Dragon*, sendo essa a mais luxuosa da cidade.

Outro espaço central na geografia do sexo é a Avenida Beira-Mar, calçadão situado no trecho da orla a partir da Avenida Rui Barbosa, até o mercado dos peixes, no Mucuripe. Trata-se de um espaço de quase três Km contínuos, porém diferenciados, que congregam uma pluralidade de usuários, como atletas, vendedores ambulantes, artistas, banhistas, turistas, famílias com crianças, domésticas, pedintes etc., além de serviços e equipamentos voltados para o turismo, como hotéis, restaurantes, feira de artesanato e produtos locais. Nele, concentram-se jovens prostitutas ou prostitutos, em busca de clientes estrangeiros ou por eles acompanhados.

Depois das 23h, quando diminui o fluxo de pessoas passeando ou correndo, fica mais visível o movimento de rapazes de corpos másculos, que se expõem aos passantes, sobretudo no trecho do calçadão entre as ruas Dias Ribeiro e Nunes Valente. A preferência do segmento por esse trecho, onde o calçadão é bastante estreito, deve-se à existência de bancos a curta distância da pista, facilitando a visibilidade e a comunicação com a clientela motorizada.

Os michês vão chegando e começam a se tornar visíveis pelos gestos: sentam, levantam, olham como quem procura algo, vão e voltam, percorrem as quadras. Caminham devagar, mãos nos bolsos, olhando para os veículos, que transitam no sentido oeste-leste. Eles acenam e fazem sinais para os transeuntes, discretamente ou de maneira conspícua. Quando há interesse por parte do condutor do veículo, este diminui a velocidade para ver de perto o garoto: trocam olhares, gesticulam e entram em alguma rua lateral, para que ali possam acertar o negócio.

Na Avenida Beira-Mar os michês aparentam ter maior poder aquisitivo. Via de regra, os garotos que trabalham no centro não são bem vistos por aqueles que atuam na orla litorânea leste, área nobre da

cidade. Isso ocorre de uma maneira tácita, por parte dos michês de *status* social mais alto, que criam barreiras simbólicas dificultando a presença dos garotos pobres. Como disse Rafael, “existem as caras feias, existem os garotos profissionais que pra eles você não é ninguém”.

Os michês pobres que se aventuram nesses territórios tendem a permanecer em áreas limítrofes, como a Avenida da Abolição, a fim de se proteger da discriminação. Na verdade, o território por excelência dos michês de menor poder aquisitivo é o Centro de Fortaleza, mas embora de maneira tímida, eles ocasionalmente atuam na orla marítima leste. Na área central eles batalham com mais afinco, pois “todas as pessoas vêm ou passam pelo centro, porque tem de tudo e os preços são mais baixos, são populares. Por isso fica mais fácil trabalhar por aqui” disse um informante.

Cenários do sexo comercializado: ruas e praças da área central de Fortaleza

As ruas centrais de Fortaleza caracterizam-se como amplos corredores comerciais e de serviços diversos, com intenso movimento durante o dia todo, adentrando a noite. Nessas ruas, encontram-se paradas de ônibus, bares, restaurantes e lanchonetes que recebem clientes com os mais variados perfis – exceto, aparentemente, aqueles pertencentes às camadas altas da população.

Mais tarde, por volta das 22h, o Centro apresenta outra feição: a cidade começa a descansar, pois cai, substancialmente, o trânsito de veículos e pessoas. Além de poucos automóveis e motos particulares, circulam apenas táxis e o “corujão”, como é chamado o ônibus que circula após meia-noite. A área central está nas mãos dos trabalhadores noturnos, dos amantes da noite e dos sujeitos que sobrevivem nas margens.

No coração antigo da cidade, ruas e praças abrigam manchas onde se aglomeram equipamentos voltados para o público homoerótico e articulam pedaços para formar um circuito, na acepção que Magnani (2002) confere a esses termos. É o caso das Praças do Ferreira e Murilo Borges, Praça do Carmo e de algumas ruas próximas: Solon Pinheiro, Assunção, Floriano Peixoto, Major Facundo, Barão do Rio Branco, Senador Pompeu, General Sampaio, 24 de Maio, Pedro Pereira, Pedro I, Avenida Duque de Caxias, General Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar. Essa área comporta uma pluralidade de locais considerados de “pegação”.

É nesse cenário urbano que alguns jovens se apresentam. À noite, na passarela dessas ruas, provocam olhares, despertam desejos, incitam a transgressão da moral vigente. No palco expõem seus corpos, se imaginam amantes e na presença do outro a cena se repete, “pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo”^{viii}. Como diz Simmel (2004), o indivíduo e o grupo realizam-se em um ambiente social artificialmente produzido por eles mesmos.

O reconhecimento do território dos michês no centro de Fortaleza, espaço simbolicamente demarcado, aconteceu por meio de muitas idas e vindas para entender a dinâmica das ruas nas quais se encontram os equipamentos onde pode ocorrer a prostituição masculina viril.

A Praça Murilo Borges localiza-se em frente ao edifício que aloja a sede central do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Existe ao seu redor mais de 20 cinemas pornô. Na frente da Praça, encontra-se uma parada para ônibus urbanos, situa-se no quadrilátero compreendido pelas ruas Assunção, Floriano Peixoto, Pedro I e Pedro Pereira. Em sua volta, encontram-se bancas de camelôs, lojas e prédios públicos e alguns casarões antigos, que abrigam atividades vistas como “indecentes”, por darem margem ao exercício de sexualidades “desviantes”: boates, casas de massagem, bares e boates gay etc. Quando a noite chega, alguns homens sentam-se nos bancos ali existentes, à espera de parceiros. Outros começam a entrar e sair no Cine Alfa e nos bares próximos. São clientes e michês que iniciam a paquera: usando de estratégias para atraírem-se mutuamente, performatizam o cortejo e o desejo. O encontro sexual propriamente dito se dará em seguida, em um dos ambientes que circundam a Praça: motéis, pousadas, cinemas, banheiros etc.

Dentre as vias adjacentes, destaca-se a Rua Assunção que, durante os dias úteis, exhibe movimento intenso de pedestres e transeuntes motorizados, diminuindo visivelmente nas tardes de

sábado e aos domingos. Em uma das quadras daquela rua, situada entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua General Clarindo de Queiroz, o fluxo de pessoas segue intenso nos fins de semana, graças a uma mancha de cinemas pornográficos, onde se localizam sete cinemas desse tipo. Este é o espaço de maior concentração para “o negócio do michê” (Perlongher, 2008). Nas quadras seguintes, encontram-se residências, casas comerciais, escritórios etc.

Outros ambientes para práticas de prostituição localizam-se na Rua Floriano Peixoto, como vários motéis e uma casa de massagem, onde trabalham mulheres. Na Rua Major Facundo, via paralela, há uma *sex shop* e outros “cinemões” de maior porte como o *Atenas* e o *Alvorada*.

Poucas quadras depois, caminhando no sentido litoral, alcança-se A Praça do Ferreira, a mais frequentada da cidade, considerada por muitos como o “coração” de Fortaleza. Situada entre as Ruas Major Facundo e Floriano Peixoto, a praça continua sendo atração dos fortalezenses, que se reúnem para eventos artísticos, políticos etc. Nesse espaço, também predominam usos de lazer e encontros fortuitos ou previamente marcados pelos praticantes do homoerotismo, entre os quais os michês e seus clientes.

Outro destaque no “circuito homoerótico” é a Rua General Sampaio, importante corredor de passagem, com grande fluxo de ônibus urbanos, veículos menores e comércio diversificado. Uma mancha de equipamentos voltados para o público homoerótico^{ix}, utilizados como pontos de encontro por prostitutas, encontra-se no trecho compreendido entre a Av. Duque de Caxias e a Rua Pedro I, onde se situam uma boate, dois bares, um motel e dois cinemas pornô, num dos quais se pode encontrar loja para venda de produtos eróticos.

A Rua 24 de Maio distingue-se pela concentração de motéis e um cinemão. A Avenida Duque de Caxias, por sua vez, é um corredor central onde sobressaem dois bares, localizados entre as ruas Floriano Peixoto e Assunção: o Super Bar e o Big Lanches. Eles congregam um número expressivo de frequentadores homens, mulheres, jovens e adultos com mais idade, que dividem espaço com garotos de programa e outros profissionais do sexo.

As quadras entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua General Clarindo de Queiroz, delimitadas pelas Ruas Barão do Rio Branco e Solon Pinheiro, constituem uma área de obsolescência, com ruas estreitas, lojas, estacionamentos, galpões e depósitos. Essa área concentra, durante a noite e parte do dia, parcela expressiva de população em situação de rua e usuários de drogas, os quais, eventualmente, envolvem-se na prática da prostituição.

Na Rua General Clarindo de Queiroz, nas quadras entre as Ruas General Sampaio e Assunção, o território é marcado por profissionais do sexo, assim distribuídos: da quadra da Praça da Igreja do Carmo até a Rua Floriano Peixoto, encontram-se as travestis e, às vezes, algumas prostitutas, pois não se limitam aos seus pontos fixos. Na quadra entre aquela última rua e a Rua Assunção encontram-se os michês, provavelmente devido à proximidade dos cinemas pornô e de alguns bares da Avenida Duque de Caxias. Para os entrevistados, este é o melhor ponto para negociar e vender favores sexuais.

A Rua Gal. Clarindo de Queiroz está para Fortaleza como o Largo do Arouche e a 25 de Março estão para São Paulo, e a Praça da República para o Rio de Janeiro. É antiga na arte e já foi muito melhor. É a que oferece melhor condição, porque é mais próxima aos cinemas pornô, às paradas de ônibus e a movimentação do centro da cidade. (Pablo).

É um espaço territorializado, que pode ser lido a partir dos usos da rua: exposição, passagem, encontros para programas sexuais, dentre outros. Também pode ser entendido como um “pedaço” (Magnani, 2002, p. 22), um “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencente a uma rede de relações”. Nele, os michês encontram seus parceiros, mantêm vínculos, negociam serviços sexuais. Esses sujeitos se aproximam pelos mesmos símbolos, gostos e valores, por terem modos de vida e hábitos de consumo semelhantes.

Os michês vão chegando a partir das 21h, e por volta das 22h, a quadra só não está tomada devido à dinâmica da atividade: os primeiros a chegar vão saindo, enquanto outros vão chegando, para serem substituídos pelos que aguardam ou estão voltando. O trânsito de pedestres à noite é raro; o movimento fica por conta dos veículos e dos profissionais do sexo. Os garotos olham com atenção para os ocupantes dos carros que passam e põem a mão em seus falos, insinuando que vão mostrá-los, afirmando sua virilidade e disponibilidade para o programa. Em algumas ocasiões tal atitude tem provocado conflito e violência por parte de transeuntes que, por não serem clientes, se sentem desrespeitados ou agredidos moralmente.

Na área citada, esses são os corredores de maior concentração desses profissionais do sexo. Eles são jovens e vêm de camadas sociais mais baixas. Sua procedência geográfica é diversificada: são oriundos de Fortaleza, de outras capitais do Norte e do Nordeste ou de cidades do interior do estado. Migraram para a cidade grande para estudar ou arranjar um emprego; aqui chegando, sem maiores perspectivas e condições de vida, vão parar nas esquinas, nos cinemas pornô, nas saunas ou em outros locais de comércio sexual: “caem na vida” e se tornam “profissionais do sexo”, “garotos de programa”, “prostitutos”, “boys” ou “michês”, como se autodenominam Marcelo, Rafael, Pedro, Gabriel, Felipe, Pablo, Bruno, Marley e David^x, sujeitos da pesquisa. Ainda que a média de idade dos entrevistados seja de 27 anos – sendo a menor idade de 23 anos e a maior, de 35 anos – é frequente, nos espaços observados, a presença de garotos que aparentam menos de 18 anos. Nas ruas, eles aceitam todo tipo de cliente: “gordo, magro, feio, bonito, sujo, limpo, grosseiro ou carinhoso”, afirma um dos garotos.

O cliente é visto pelos michês como homens que buscam “sacanagem”, “brincadeira”, “fazer para relaxar”, (Santos, 2007, p. 8), para se distanciar da rotina, seja dos afazeres do emprego, dos compromissos domésticos, ainda que por poucas horas ou como “sexo fácil, pago, descartável, um objeto a ser usado”; enquanto que, para o michê, o cliente é “um veado, um ‘bicha escroto’”, com quem pode conseguir dinheiro fácil (Almeida, 1986, p. 84). Por ser um “negócio”, os parceiros procuram dar ou receber dinheiro ou bens materiais para realizar seus interesses – libidinosos ou não. Esses sujeitos, clientes e michês, se expõem aos mais diversos riscos, não só por não se conhecerem, mas pela própria natureza do negócio. Após o programa, quase sempre, michê e cliente continuam desconhecidos.

Boate, bares e cinemões

No Centro da cidade existe uma ambientação ampla, na qual esses profissionais se sentem mais seguros para o nomadismo, o agenciamento e desempenho de suas funções prostitutivas, permitindo que se visualize a existência de uma relação de proximidade entre corpo e espaço - espaço este que “é vivenciado e interpretado de formas distintas pelos diferentes grupos sociais” (Silva, 2009, p. 135).

A boate *Sereia* encontra-se nesse pedaço da cidade, é o maior equipamento de lazer noturno para segmentos homoeróticos, com festas, shows com *top drags*, som, bebida e “pegação”. Nela, as festas terminam ao amanhecer, todos os sábados. Aos domingos, por volta das 21h os frequentadores começam a chegar, e saem antes da meia noite.

Ao lado da boate, o Bar *Mercúrio*, é frequentado por um público de homens e mulheres, com idades variadas. No seu interior, sente-se um forte odor de cigarro, bebida suor e urina, próximo do banheiro. No interior deste, alguns homens relacionam-se sexualmente.

Quase em frente ao Mercúrio, situa-se o bar *Lulas*^{xi}. Durante a semana, atende a um público comum, mas às sextas-feiras e aos sábados, das 22h às 6h, o bar conta com maior frequência homoerótica. Ocupando mesas postas na calçada, homens e mulheres bebem, fumam, conversam e dançam ao som de Fábio Jr., Alcione e Ivete Sangalo. Casais igualitários masculinos e femininos paqueram, “ficam”, namoram ou saem para os moteis próximos.

Indo-se para a Av. Duque de Caxias, na esquina com a Rua Floriano Peixoto, encontram-se o *Super Bar* e a poucos metros dali, o *Big Lanches*. O primeiro, quase sempre, encontra-se lotado, durante o dia, quando funciona um *self-service*. À noite, muitos clientes ocupam mesas espalhadas pela

calçada, facilitando a aproximação daqueles que ali transitam. Nele se pode encontrar travestis, gays e michês. Estes últimos chegam, quase sempre, sozinhos. Discretamente, passam a observar os presentes, aproximam-se dos homens com mais idade, tentando “dragar cliente”. Minutos depois, sentam-se à mesa, tomam uma bebida, conversam e, em seguida, sai um, e depois o outro – o negócio foi acordado na invisibilidade, para quem o desconhece. No jogo, esse ritual faz parte da “sociabilidade marginal”.

No bar e restaurante *Big Lanches*, bem próximo, o movimento é maior, por ter dimensões mais amplas. Nele funciona, durante o dia, um *self-service* logo na sala de entrada. Ao lado, por um corredor se chega à parte interna, onde se encontram mesas com cadeiras e banheiros. Às sextas-feiras e sábados acontecem as serestas: são noites de casa cheia. Apesar de o ambiente ser mais discreto no que refere à conduta dos usuários, nos banheiros desse bar também acontece “pegação”^{xii}.

Enquanto a frequência de boates e bares abrange um público diverso, “cinemões” são, tipicamente, espaços de prostituição viril. A descrição apresentada por um michê sintetiza bem essa característica: “[...] todos [os cinemões] são de pegação, todos são masculinos e mulher só pode entrar se estiver acompanhada por um homem” (Marley).

O cine *Alvorada*, situado na Rua Major Facundo, existe desde 1917, mas, a partir de 1996, passou a exibir somente filmes pornô. Na recepção, cartazes indicam as atrações disponíveis, os horários e o valor cobrado, de segunda a quarta-feira e de quinta-feira a domingo, quando acontecem shows eróticos. Em seguida, adentra-se um grande salão, com 260 lugares e um telão. Na parte térrea do prédio, num pequeno espaço, chamado “jardim” pelos usuários, fica em frente aos banheiros, também usados para atos sexuais. O segundo piso tem doze cabines para uso de sexo, com cama, TV e ar condicionado. Por ocasião do trabalho de campo, observamos que, no *hall*, entre as cabines – todas ocupadas – alguns pares faziam sexo. Outros se masturbavam, enquanto aguardavam que alguma cabine desocupasse para que pudessem usá-la. No início do corredor há um pequeno salão, com um bar, algumas mesas e um aparelho de som, onde os clientes se divertem e negociam seus programas.

O Cine *Atenas*, também localizado na Rua Major Facundo, diferencia-se dos demais cinemões, segundo os michês, pelos equipamentos: exaustores que propiciam equilíbrio térmico, salas e cabines climatizadas e revestidas com cerâmica nas paredes e piso. A casa oferece conforto, segurança, discrição e, segundo alguns clientes, o valor cobrado pelo atendimento é satisfatório.

O Cine *Sodoma*, situado na Rua Floriano Peixoto, tem uns 30 lugares. Na recepção, propaganda de filmes eróticos e outras atrações, os horários e o valor cobrado por hora. Logo atrás, há uma pequena área aberta. Em uma das visitas feitas, lá se encontrava um policial-militar. Um dos interlocutores informou que “os policiais, mesmo que sejam clientes, quase sempre estão de farda e portando arma de fogo. Ele chupa fardado” (Gabriel). Muitas vezes, aproveitando-se da situação desigual em termos de poder, não pagam aos garotos.

Na mesma rua, o Cine *Pop* com pequeno movimento, poucos clientes de idades diversas e aparentando pertencer a estratos populares. Alguns gesticulavam muito, de forma atribuída a “homossexuais”. Os mais jovens faziam coreografias as mais diversas ao som da música que tocava (*Rebolation*, de uma banda baiana). Enquanto os demais dançavam, bebiam etc.

O Cine *Mayor*, situado na Rua Solon Pinheiro, é um ambiente pequeno. A casa tem pintura antiga e suas dependências exalam um odor de urina, bebida e cigarro. Pouco movimentada, por ela transitam michês e clientes potenciais dos moteis e dos cines do pedaço. Os clientes, como nos demais ambientes, aparentam ter entre 45 e 60 anos. Nele, todos usam roupas modestas, desbotadas. Eles fumam, bebem cerveja e confabulam baixinho, divertem-se.

O Cine *Alfa*, bastante procurado, ocupa uma casa antiga, em frente à Praça Murilo Borges. Na entrada, há uma placa anunciando: “Promoção R\$ 2,00 (dois reais), domingos e terças-feiras. Proibida a entrada de menores de 18 anos. Diariamente 8 filmes”. O cine funciona de segunda a domingo, tendo aos domingos maior procura. No *hall* de entrada, cartazes de homens com os órgãos sexuais expostos. Após um corredor pequeno e escuro, com quartos na lateral, chega-se a um pequeno salão, onde há um bar com mesas, cadeiras e uma TV no alto da parede. Uma travesti, ali faz shows eróticos. Nele, vários

homens bebendo, fumando, namorando e poucas prostitutas que também bebiam, fumavam e conversavam, em frente ao bar. De todos os cinemões pesquisados, este foi o único onde se constatou a presença de prostitutas, pois a maioria prefere outros ambientes. A partir das 16h, os michês vão chegando, sozinhos ou acompanhados, conversando com seus pares. Adentram a casa e passam a observar os clientes que pedem música, tipo axé, forró, as bandas regionais etc. Dançam, bebem, fumam, conversam, namoram no pequeno pátio. Outros chegam e observam a movimentação, trocam olhares com usuários, tentam uma paquera ou programa. Passam nas mesas, bebem nos copos de alguns clientes e quando surge uma proposta, vão às cabines, na parte interna e escura do ambiente, ou a um motel nas proximidades.

Nos cinemões e nos bares pudemos observar cenas que se desvelavam a partir da banalidade desses ambientes, onde, cotidianamente, homens vivem suas aventuras eróticas com outros homens. Nos primeiros, a fantasia erótica é potencializada pela escuridão que caracteriza a sala de exibição e a cabine, e se torna ela própria um fetiche, ao permitir a sedução do desconhecido, o encontro de corpos sem rosto, o prazer do sexo anônimo: “a única luz que se tem dentro do cine é a da TV [e da tela]. O *dark room* é mais uma forma de provocar a curiosidade de quem não conhece e provocar atração [...] é uma maneira de não ficar olhando na cara e nem ser visto. [...] Todos são negros, é tudo *black*”, relatou Marley.

Assim, os cinemões se tornam um espaço simbólico ou “cena”, no sentido de pertencerem a uma dimensão da vida social que poderia ser considerada ensombreada, misteriosa, efêmera, para usar o vocabulário de Crapanzano (2005). Parafraseando este autor, Paiva considera que

[...] a cena está próxima daquilo que é experimentado como “fantasioso”, como “artifício”, como “esses deslocamentos de atenção que relacionamos a sentimentos, emoções e humores”, “elementos decorativos” da existência que constituem, para o autor, “uma dimensão significativa e efetiva do mundo em que vivemos, pensamos e agimos”. A cena é “aquela aparência, a forma ou refração da situação “objetiva” em que nos encontramos, colorindo-a ou nuançando-a e, com isso, tornando-a diferente daquilo que sabemos que ela é quando nos damos ao trabalho de sobre ela pensar objetivamente”. (Paiva, 2009, p. 4).

Tanto nas cabines dos cinemões como nos banheiros dos bares, as pegações e práticas sexuais entre homens acontecem durante o horário de funcionamento. Nos banheiros de alguns bares, os garotos ficam bem perto da porta para ver o movimento do frequentador que, algumas vezes, se deixa ver enquanto se masturba. O michê entende isso como um convite e encontra um jeito de entrar naquele recinto, onde o programa acontece. Para Simmel, “[...] a questão erótica entre os sexos é de oferecimento e recusa” (1983, p.174): neste caso, um movimento sexual característico, a masturbação, no contexto de um banheiro público, significa o acionamento de uma rede de significados implícita naquele cenário, operando entre os sujeitos que o conhecem e frequentam. Assim, o local é transformado em espaço de interações sócio-sexuais. Nas cabines dos cinemas, a situação é diferente, pois essas interações são partilhadas apenas por parceiros sexuais, o que exclui, ou torna mínima, a vigilância de terceiros. Trata-se de uma situação que deixa os sujeitos mais à vontade para viverem sua sexualidade da maneira que julgarem conveniente.

Algumas considerações

O ato de viver a sexualidade tem se mostrado uma caixinha de surpresas, que foge, muitas vezes, da capacidade humana de compreendê-lo. O indivíduo inventa novas regras para os usos do corpo, ressignifica as relações de gênero, encontra novos trajetos em direção ao prazer. São percursos

que vão sendo definidos conforme suas condições, conhecimentos e desejos. Mesmo assim, formas de sexualidade distintas da heteronormatizada tendem a ser reprimidas, desrespeitadas e estigmatizadas. No caso do profissional do sexo, acentua-se a condição de inferioridade, desproteção, insegurança.

Como se pode constatar, o corpo é construído por histórias e fantasias. Emerge de várias maneiras e desdobra-se em múltiplas linguagens e movimentos, capaz de expressar uma sinfonia de discursos e de práticas contínuas. Referente às práticas prostitutivas ressalta-se que as experiências sexuais entre homens não se articulam em um espaço vazio e em um tempo homogêneo e repetitivo. Neste sentido, o território diz sobre seus corpos, como se posicionam, como se constituem, dos artificios usados para atrair a clientela e da “batalha” no sentido de se manterem nos “circuitos” por eles produzidos, ao longo do tempo.

Salienta-se ainda que, o espaço experienciado pelos michês é marcado pela exclusão, discriminação, violência e insegurança, contribuindo inegavelmente para a marginalidade social em que vivem, embora seja um espaço também de laços afetivos.

Assim, pesquisar as práticas e identidades sexuais de michês, em seu cotidiano, implica compreender que, na sexualidade, estão envolvidos fatores culturais diversos, da ordem da linguagem, dos rituais, símbolos, fantasias e demonstra a necessidade de reflexões envolvendo o território.

Referências:

- Almeida, S. A. (1986). Prostituição masculina. In: N. Vitiello (Ed.). *Sexologia I-II*. São Paulo, Brasil: Roca.
- Aquino, J. P. D. (2011, Agosto). *O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema*. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidade e (Des)igualdades. Salvador, Bahia, Brasil.
- Crapanzano, V. (2005). A cena: lançando sombra sobre o real. *Mana*, 11, (2) 357-383.
- Diógenes, G. M. S. (2008). *Os sete sentimentos capitais*. São Paulo, Brasil: Annablume.
- França, I. (2012). Sexualidade e política: uma abordagem a partir do mercado e do consumo. *Revista Bagoas / UFRN*, 6, (7), 223-252.
- França, I. (2007). Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, 13, (28), 289-311.
- Heilborn, M. L. (1999). Corpos na cidade: sedução e sexualidade, In: G. Velho (Ed.). *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1, (49) 12-30.
- Paiva, A. C. S. (2009, Outubro) *Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes: notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza*. Trabalho apresentado no 33º. Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Minas Gerais, Brasil.

Perlongher, N. (2008). *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo* (2ª Ed.). São Paulo, Brasil: Fundação Perseu Abramo.

Piscitelli, A. (2013). *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro, Brasil: CLAM/EdUERJ.

Piscitelli, A. (2011). Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: A. Piscitelli; G. O. Assis *et al.* (Eds.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. *Unicamp/Pagu*, 537-582.

Piscitelli, A. (2005). *Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais – comentários a partir de uma leitura das relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil)*. Disponível em: <<http://www.Ippuerj.net/olped/documentos/ppcor/0274.pdf>.2005>. Acesso em 10. set. 2012.

Santos, E. N. (2007). *Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês*. Disponível em: <www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com>. Acesso em 12 set. 2010

Schramm, S. M. O. (2001). *O território livre de Iracema: só o nome ficou*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, Brasil.

Simmel, G. (1983). Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. In: E. M. Filho (Ed.). *Sociologia: Simmel*. (pp. 165-181). São Paulo, Brasil: Ática.

Simmel, G. (2004). A metrópole e a vida mental. In: G. Velho (Ed.). *Fidelidade e gratidão e outros textos*. (pp. 75-94). Lisboa, Portugal: Relógio D'água Editores.

Silva, M. J. (2009). A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: M. J. Silva (Ed.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. (pp. 135-209). Ponta Grossa, Paraná, Brasil: TODAPALAVRA.

Sousa, S. (2012). *Acquário Ceará começa a ser construído em Fortaleza: Projeto interativo será o grande diferencial turístico para a Copa de 2014*. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/noticias/5741/ACQUARIO+CEARA+COMECA+A+SER+CONSTRUIDO+EM+FORTALEZA.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

Teixeira, A. E. (2009). Discursos e representações sobre os territórios de pegação em Belo Horizonte. In: M. E. Diaz-Benitez & C. E. Figari (Eds.). *Prazeres Dissidentes*. (pp. 263-288). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond.

Villalobos, J. U. G. (1999). Geografia e sexo: os discursos e práticas no território brasileiro. *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, 45, (53). Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-45-53.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

Notas:

ⁱ O artigo é um desdobramento da Tese de Doutorado “Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no Centro de Fortaleza”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), defendida e aprovada em 01 fevereiro de 2013.

ⁱⁱ Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

ⁱⁱⁱ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2004). Docente Adjunto IV do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC e do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS), laboratório vinculado à linha de Pesquisa Diversidades culturais, estudos de gênero e processos identitários, do PPG em Sociologia da UFC.

^{iv} Projeto educativo, executado pelo Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), em parceria com o Ministério da Saúde e Coordenação de DST/AIDS, da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Com início em 1999 e conclusão em 2010, o Projeto atendeu Fortaleza e 12 municípios do estado do Ceará. Além de preparar os educadores para atuarem nos municípios, por meio de oficinas, encontros educativos sobre saúde e cidadania, o *Entre Nós* inclui distribuição de preservativos e outras atividades, quando fazem visitas aos locais de sociabilidade da população LGBTQBT e encaminham, quando necessário, aos serviços públicos de saúde. As ações são voltadas para o segmento denominado HSH – homens que fazem sexo com homens, sigla criada pelo Ministério da Saúde do Brasil. Informações disponíveis em: <<http://grab.blogger.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

^v Não se pretende, neste trabalho, esgotar a descrição dos lugares percorridos por homens e mulheres envolvidos em práticas de prostituição. Dadas as limitações de tempo, optou-se por uma breve análise da Praia de Iracema e a da Avenida Beira-Mar, por considerá-las emblemáticas da relação entre os territórios do sexo pago e a produção do espaço urbano, fora da área central de Fortaleza. Em Fortaleza a prostituição está disseminada em vários bairros, com inúmeros pontos de pegação. Sobre o assunto, ver Piscitelli (2005; 2013, dentre outros) e Diógenes (2008).

^{vi} O turismo sexual não será discutido neste trabalho, pois não é relevante para a maioria dos michês que atuam no centro da cidade, e cujas práticas territorializadas constituem o foco da presente pesquisa. Sobre o assunto, ver Piscitelli; Assis; Olivar (2011), dentre outros.

^{vii} O Acquário do Ceará é um projeto do governo estadual, que pretende atrair anualmente 1,2 milhão de visitantes (Sousa, 2010), sendo o maior equipamento do gênero no Hemisfério Sul e o terceiro maior do mundo.

^{viii} *Menino do Rio*. Música de Caetano Veloso, gravada em 1979, pela Universal.

^{ix} O termo “público homoerótico” é utilizado, aqui, de forma descritiva, para designar as pessoas de orientação homoerótica que frequentam os equipamentos de lazer pesquisados no Centro de Fortaleza. Para uma discussão sobre a identidade dos consumidores de serviços ofertados pelo “mercado GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes), abordando a dimensão política do consumo para esses sujeitos, ver França (2007; 2012).

^x Nomes fictícios.

^{xi} Utilizei nomes fictícios para designar também os estabelecimentos, pois sua identificação como locais frequentados por homoeróticos e profissionais do sexo poderia acarretar para seus frequentadores e proprietários discriminações, associadas à sua orientação sexual ou à prostituição.

^{xii} Nas primeiras vezes em que fui ao *Big Lanches* não percebi nada. Depois de inúmeras visitas, quase uma “cliente cativa”, fui percebendo que as relações entre michê e cliente naquele espaço acontecem discretamente, por meio de códigos, pequenos gestos e alusões que implicam poder, libido e sexualidade, mas que tornam as interações difíceis de visualizar, num primeiro momento.